

SOLIDÃO NA CIDADE: APONTAMENTOS SOBRE A OBRA DE JOÃO GILBERTO NOLL

Rodrigo de Böer Trujillo*

Resumo:

Este texto procura oferecer uma leitura geracional da obra de João Gilberto Noll a partir de seus aspectos mais recorrentes: a narrativa intimista em primeira pessoa e o anonimato do protagonista; o trânsito constante do personagem por diversos cenários; a solidão como condição e a busca pela alteridade; a forte presença do corpo no relato – tanto pelo desejo quanto pela degradação; e a morte. Para isso, são analisados três obras: o conto “Alguma coisa urgentemente” e os romances *Hotel Atlântico* e *Solidão continental*.

Palavras-chave: João Gilberto Noll; corpo; cidade.

João Gilberto Noll pode ser considerado um dos escritores mais experientes em atividade na literatura brasileira contemporânea. Têm reconhecimento profissional e está frequentemente presente em manuais escolares, bibliografias acadêmicas e antologias literárias. Apesar de ter publicado seu primeiro texto literário em 1970, estreou em livro apenas no ano de 1980 com uma compilação de contos chamada *O cego e a dançarina*, que lhe rendeu alguns prêmios, entre eles o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, como autor revelação. Desde então publicou dezoito livros no total, entre compilações de contos, romances juvenis e adultos. Seu título mais atual é *Solidão Continental*, publicado em 2012 pela Editora Record.

Um olhar panorâmico do conjunto da obra de João Gilberto Noll explicita algumas características que marcam sua produção ao longo de toda a carreira, a saber: a narrativa intimista em primeira pessoa e o anonimato do protagonista; o trânsito constante do personagem por diversos cenários; a solidão como condição e a busca pela alteridade; a forte presença do corpo no relato – tanto pelo desejo quanto pela degradação; e a morte. A seguir, buscarei demonstrar a ocorrência e o desenvolvimento destes aspectos através de três textos do autor: o conto “Alguma coisa urgentemente” publicado em 1980 em *O cego e a dançarina*; *Hotel Atlântico*, romance de 1989; e o mais recente, *Solidão Continental*, de 2012. Além de serem significativos na trajetória literária de João Gilberto Noll, representam diferentes fases da vida, a infância, a maturidade e a velhice, de forma a sugerir, em uma leitura transversal, um percurso geracional representado literariamente.

* Professor de literatura em escolas de Porto Alegre/RS. Doutorando em Teoria da Literatura e mestre em Escrita Criativa pela PUCRS. Graduado em Letras pela UFRGS.

1 JOÃO GILBERTO NOLL NO PANORÂMA LITERÁRIO BRASILEIRO

João Gilberto Noll, já distante historicamente das grandes narrativas regionalistas que marcaram o século XX, de Érico Veríssimo a Jorge Amado, com seu apogeu e fim em 1956 com o *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, pertence a uma geração de autores que produziu uma literatura brasileira predominantemente urbana, tendo as maiores cidades do país e do mundo como cenário. Difere também da geração que o precedeu, já urbana, de Carlos Heitor Cony e Moacyr Scliar, marcada pelos ideais sociais e o posicionamento político, que foram sendo progressivamente desacreditados pelo curso da história nacional. A ditadura militar no Brasil durou mais de três décadas, foi uma das maiores da América Latina, e aqueles que se opuseram a ela, como as organizações de militantes ou guerrilheiros urbanos, foram sistematicamente vencidos. O fim da ditadura no Brasil ocorreu graças ao próprio esgotamento do regime, não a uma conquista popular, e deu espaço progressivamente à redemocratização, cujo marco definitivo foi a eleição de Tancredo Neves à Presidência da República em 1985, posto que não veio a assumir pois faleceu na véspera de sua posse, tendo assumido seu vice, José Sarney. Ou seja, o fim dos governos militares não foi uma vitória utópica, mas muito mais próxima de uma disforia consequente de uma transição política quase natural.

Assim como Caio Fernando Abreu e outros, João Gilberto Noll faz parte de um conjunto de autores que iniciaram sua carreira literária durante a transição entre o fim do regime totalitário militar e a redemocratização política no país. Marcada pelos vestígios de uma trauma histórico, foi uma geração caracterizada pela revolta, o desencanto com a realidade e a ausência de projetos coletivos. Identificados com a tendência *beat* surgida no pós-guerra americano, produziram uma literatura de transgressão principalmente no que diz respeito a temas e espaços de representação, como o submundo, a contracultura, a vida alternativa, a textualização explícita do desejo físico, a homossexualidade, entre outros aspectos. Formalmente retomaram tendências intimistas que haviam ganho força no panorama brasileiro a partir da produção de Clarice Lispector e pode-se dizer, em suma, que estes autores deram um testemunho geracional da liberalização dos costumes nos anos oitenta e do desencanto pós-ditadura no país.

2 ALGUMA COISA URGENTEMENTE: UM TEXTO FUNDACIONAL

Do livro de estreia de João Gilberto Noll, *O cego e a dançarina*, o conto “Alguma coisa urgentemente” ganhou especial relevância e foi adaptado também para o cinema por Murilo Salles em 1984, às vésperas do fim do regime militar, com o título de *Nunca fomos tão felizes*. Neste, é narrada a infância e adolescência de um jovem entre as décadas de 60 e 70. Abandonado pela mãe, o protagonista é criado por um pai de vida instável que é preso e desaparece constantemente, deixando-o à própria sorte. Seguindo uma forma tradicional de conto, o primeiro parágrafo do texto apresenta bem seu estilo e temáticas dominantes:

Os primeiros anos de vida suscitaram em mim o gosto da aventura. O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento. Eu, no começo, achava meu pai tão-só um homem amargurado por ter sido abandonado por minha mãe quando eu era de colo. Morávamos então no alto da Rua Ramiro Barcelos, em Porto Alegre, meu pai me levava a passear todas manhãs na Praça Júlio de Castilhos e me ensinava os nomes das árvores, eu não gostava de ficar só nos nomes, gostava de saber as características de cada vegetal, a região de origem. Ele me dizia que o mundo não era só aquelas plantas, era também as pessoas que passavam e as que ficavam e que cada um tem o seu drama. Eu lhe pedia colo. Ele me dava e assobiava uma canção medieval que afirmava ser a sua preferida. No colo dele eu balbuciava uns pensamentos perigosos:

- Quando é que você vai morrer?

- Não vou te deixar sozinho, filho!

(Noll, 2001, p. 416)

Narrado em primeira pessoa em um fluxo de linguagem que mistura cenas concretas, pensamentos, impressões, emoções e projeções psicológicas do personagem, tornando-o assim humanamente próximo do leitor, este conto pode ser lido como texto fundacional da poética de Noll. Tanto a morte quanto a solidão e a condição de marginalidade já estão anunciados nessa passagem e serão desenvolvidos ao longo de toda a obra do autor. No caso de “Alguma coisa urgentemente”, é tematizada a morte do pai e o consequente abandono do filho.

Tanto o pai quanto o protagonista permanecem anônimos ao longo de toda a narrativa. A ausência de uma denominação precisa aos personagens os despersonaliza, afastando-os de uma individualidade plena. Assim, esses personagens representam uma condição humana geral em um contexto histórico definido, possibilitando que sejam lidos como uma representação geracional.

Quanto ao contexto histórico, não há nenhuma citação textual da ditadura, mas algumas localizações temporais informadas pelo narrador situam a narrativa entre as décadas de sessenta e setenta, os chamados “anos de chumbo”. No caso do personagem paterno, somado ao anonimato, há o mistério de suas prisões e desaparecimentos. Ainda que também não seja dito de forma explícita no texto, é sugerido que o personagem se trate de um militante político perseguido, mas é mantida uma ambiguidade entre a figura do herói e do criminoso, condizente com as representações políticas que esses grupos recebiam na sociedade brasileira de então. No caso do narrador, sua representação funciona como uma alegoria perfeita da própria geração literária à qual pertence o autor: filho de uma época de conflitos cujos traumas e consequências - ainda que inconscientemente - será depositário.

O trânsito constante do personagem e sua inadequação aos lugares no qual está inserido também já estão presentes no texto de estreia. Após viver em Porto Alegre, em um orfanato no Paraná e passar por São Paulo, o narrador reencontra o pai em um apartamento misterioso no Rio de Janeiro, do qual ninguém sabe quem é o dono. Na última cena do conto, o personagem presencia o estado agonizante de seu pai, tratando aqueles que são os temas centrais da obra de João Gilberto Noll, como dito anteriormente, a morte e a solidão.

Aí eu parei de falar e o Alfredinho me olhava como se eu estivesse falando coisas que assustassem ele, ficou me olhando com uma cara de babaca, meio assim desconfiado, e nem sei bem o que passou pela cabeça dele quando meu pai lá no quarto me chamou, era a primeira vez que meu pai me chamava pelo nome, eu mesmo levei um susto de ouvir meu pai me chamar pelo meu nome, e me levantei meio apavorado porque não queria que ninguém soubesse do meu pai, do meu segredo, da minha vida, eu queria que o Alfredinho fosse embora e que não voltasse nunca mais, então eu me levantei e disse que tinha que fazer uns negócios, e ele foi caminhando de costas em direção à porta, como se estivesse com medo de mim, e eu dizendo que amanhã eu vou aparecer no colégio, pode dizer pra diretora que amanhã eu conversei com ela, e o meu pai me chamou de novo com sua voz de agonizante, o meu pai me chamava pela primeira vez pelo meu nome, e eu disse tchau até amanhã, e o Alfredinho disse tchau até amanhã, e eu continuava com o pano de prato na mão e fechei a porta bem ligeiro porque não agüentava mais o Alfredinho ali na minha frente não dizendo nem uma palavra, e fui correndo pro quarto e vi que o meu pai estava com os olhos duros olhando pra mim, e eu fiquei parado na porta do quarto pensando que eu precisava fazer alguma coisa urgentemente.

(Noll, 2001, p. 422)

Além disso, a forte inscrição do corpo no relato também se revela neste conto. Em contraponto com a clareza e a formalidade que o narrador se exprime normalmente, quando expõe seus desejos ou experiências sexuais utiliza uma linguagem crua e por vezes escatológica. O corpo também se inscreve no texto pela degradação, tanto do protagonista,

que se prostitui, quanto do pai, que primeiro perde um braço, depois dois dentes, até ter sua morte sugerida na passagem final do conto.

Todos esses aspectos reconhecíveis no conto serão desenvolvidos ao longo da obra do autor. Nas próximas passagens, procurarei mostrar como as mesmas características ressurgem modificadas em *Hotel Atlântico*, de 1989, até o salto formal que pretendo demonstrar no romance *Solidão continental*, de 2012, publicação mais recente do autor.

3 HOTEL ATLÂNTICO: A MATURIDADE DO NARRADOR

Para seguir a análise, vou partir do princípio de que o narrador de João Gilberto Noll seja um *personagem transtextual*, ou seja, um personagem que se reinventa, altera sua condição e situação contingencial, mas permanece essencialmente o mesmo em cada obra do autor. Alguns aspectos corroboram para essa afirmação, como o fato de ele se manter sempre anônimo e se expressar com o mesmo estilo, descrito anteriormente. Isso não quer dizer que um romance seja a continuação de outro ou que o personagem seja exatamente o mesmo. Seria mais adequado dizer que, em cada romance, João Gilberto Noll experimenta um mesmo protótipo de personagem-narrador em contingências e circunstâncias variadas.

Diferente do conto “Alguma coisa urgentemente”, onde o narrador é uma criança, em *Hotel Atlântico* esse personagem já é um adulto maduro. O contexto político desaparece, mas deixa, de alguma forma, suas marcas na construção do personagem, um ator desempregado. Se no conto anteriormente citado, o contexto político é o responsável pela produção de um mundo desolado e de indivíduos com identidades esfaceladas, a profissão de ator justamente constrói esse personagem como um neutro que interpreta em sua existência social, encenando uma identidade de acordo com a contingência em que se encontra.

O romance inicia no Rio de Janeiro, uma das principais cidades brasileiras, e cria um longo percurso até Pinhal, um balneário ínfimo no Rio Grande do Sul, passando por capitais e cidades do interior. Além do percurso realizado pelo personagem, é impossível descrever uma história completa e linear em *Hotel Atlântico*. Os episódios vividos pelo personagem se assemelham a contos e não têm um nexos causal que os ligue, mas se desenvolvem na medida em que cruzam o trajeto percorrido pelo personagem.

O próprio percurso da narrativa pode ser considerado uma inscrição do corpo no texto, pois a viagem não é mais do que o movimento de um corpo. Além disso, o próprio trajeto da viagem degrada o corpo, ao longo da narrativa o personagem-narrador tem seu

corpo degradado aos poucos, perdendo uma perna e chegando ao esgotamento e possivelmente à morte no trecho final do romance:

Eu sabia que Sebastião caminhava, eu sabia de tudo, normalmente, mas já não possuía a audição.
O mundo tinha ficado mudo, era só silêncio, mas eu via bem cada coisa, embora de cabeça para baixo eu via bem o bezerro preto que pastava no terreno baldio, eu vi um cachorro correndo atrás das patas de um cavalo que puxava uma carroça, eu vi uma imensidão de areias brancas.
Sebastião me sentou na areia. Ficou ao meu lado, com uma das mãos firmes na minha nuca.
Aí Sebastião olhou o mar. Eu também, o mar escuro do Sul.
Depois ele virou a cabeça para o lado e olhou para mim. Pelo movimento dos seus lábios eu só consegui ler a palavra mar.
Depois eu fiquei cego, não via mais o mar nem Sebastião.
Só me restava respirar, o mais profundamente.
E me vi pronto para trazer, aos poucos, todo o ar para os pulmões.
Nesses segundos em que enchia o pulmão de ar, senti a mão de Sebastião apertar a minha.
Sebastião tem força, pensei, e eu fui soltando o ar devagar, devagarinho, até o fim.
(Noll, 1995, p. 106)

Esse percurso é, de certa maneira, uma busca por um lugar e pelo outro. A busca pela alteridade se dá principalmente de duas formas na obra de Noll: pela sexualidade e pela compaixão. A sexualidade oferece ao narrador um encontro efêmero e sempre incompleto, ainda que intenso. O mais próximo do encontro com o semelhante se dá na compaixão e na entrega e dedicação total ao outro como forma de alcançar a alteridade. Isso aparece tanto na relação do narrador com o pai, em “Alguma coisa urgentemente”, na relação do narrador com o enfermeiro Sebastião em *Hotel Atlântico* e na relação do narrador com Frederico, na segunda parte de *Solidão continental*.

4 SOLIDÃO CONTINENTAL: CORPO E FORMA

Solidão Continental, publicado em 2012 pela Editora Record, é o décimo-oitavo título de João Gilberto Noll e seu décimo-terceiro romance adulto (entre suas obras figuram também livros de contos e romances juvenis). Composto por dezessete capítulos de extensão variada, trata-se de um relato narrado em primeira pessoa por um protagonista anônimo – em certa passagem o personagem chega a identificar-se pelo nome de João, no entanto sem ter certeza da veracidade da informação – através de uma estrutura fragmentária, cheia de elipses e inversões temporais. Desta vez, o personagem-narrador, que identificamos anteriormente como elemento transtextual na obra de Noll, surge como um professor de português para estrangeiros que sonha em escrever seu primeiro romance.

Para melhor descrever o romance *Solidão continental*, podemos generalizá-lo em duas partes: a primeira, do capítulo primeiro ao quarto, narra acontecimentos no exterior, principalmente em Chicago, Miami e Cidade do México, e tem como eixo dominante a relação do narrador com Tom, ex-soldado na Guerra do Iraque que é seu aluno de português em uma universidade estrangeira; a segunda parte vai do quinto ao último capítulo, se passa em Porto Alegre e arredores e tem como dominante a relação do narrador com Frederico. No entanto, não se pode dizer deste romance que as peripécias vividas pelo personagem sejam seu aspecto principal, portanto tecerei minhas observações buscando dar conta da complexidade formal do texto, o que me parece ser seu principal diferencial dentro do conjunto da obra de João Gilberto Noll.

4.1 A erosão da memória: a representação do corpo como princípio formal

Se nos textos comentados anteriormente, o corpo surge como elemento narrativo inserido em um discurso intimista, em *Solidão continental* o corpo ressurge como o próprio princípio formal da construção do romance. O personagem-narrador, desta vez um homem velho, experimenta a degradação do corpo por conta da idade: sente o enfraquecimento de sua libido, os outros o reconhecem como um ancião, e o mais importante, sua memória está em erosão. O próprio personagem anuncia seu estado de confusão mental, consequente de seu envelhecimento. Essa estratégia narrativa possibilita experiências vertiginosas para o narrador ao romper o nexo de verossimilhança que une o corpo ao discurso. Na passagem que transcreverei abaixo, retirada do primeiro capítulo do romance, o narrador está em um quarto de hotel com um michê em Chicago. O estado de confusão mental já se percebe na mescla da figura do homem do presente com um antigo amante do passado com quem esteve no mesmo hotel décadas atrás. Quando a companhia some, o estado de confusão mental se acelera, possibilitando um salto narrativo.

Eu ia pensando essas coisas como se estivesse gravemente drogado, sentindo tudo o que eu excretava da mente. Enfiei a cabeça no vaso e apertei o botão de descarga. Meus cabelos e testa encharcados. Agora, sem as cataratas a rolar no sanitário eu vi a minha imagem no lago calmo do fundo. E saltei. Eu me despedia da renitente realidade na qual nos aferramos para sobreviver. Então, sim, eu saltei.

Surpreendi-me porque as águas iam ficando azuis. E nelas eu mergulhava anfíbio até subir e me devolver ao ar. Uma piscina azul. O sol parecia em seu zênite. Tudo faiscava. No alto do prédio branco havia um letreiro: Hotel Satyricon. À esquerda havia outro prédio todo envidraçado refletindo as águas verdes do mar: Hotel Florida. Dentro da piscinacrianças davam caldo umas nas outras. Falavam inglês afoqueado. Homens e mulheres sentados na borda confidenciavam em inglês quase inaudível. Subindo a escada para sair da água não tive dúvida: estava em algum lugar tipo Miami. E uma mulher de biquíni rosa sentada a uma

mesa com guarda-sol, tomando por um canudinho um coquetel avermelhado, me sorriu e eu senti convicção: era a minha companhia.
(Noll, 2012, p. 23)

Após mergulhar a cabeça em um quarto de hotel em Chicago, o narrador ressurgem em uma piscina em Miami, com uma companheira que não tem consciência de quem seja. A quebra da linearidade narrativa e as elipses do texto não se dão por conta de estratégias de um narrador engenhoso, mas por consequência de sua confusão mental, que dirige a forma do romance. Nesta passagem, se notarmos bem, corpo e discurso se dissociam: a descontinuidade entre as duas cenas, em Chicago e em Miami, é combinada com a continuidade do discurso, ou seja, ainda que tenhamos uma quebra narrativa, a consciência do narrador e seu discurso continuam lineares.

Além de instaurar o corpo na forma do texto, esse princípio narrativo acaba revelando também aspectos relevantes sobre a representação do cenário: se em “Alguma coisa urgentemente” e *Hotel Atlântico* a cidade e o percurso do personagem aparecem como espaços de cruzamentos narrativos, em *Solidão continental* esse mesmo espaço se expande, tornando-se também um espaço de cruzamentos temporais e imaginários, através da confusão mental do personagem, que acaba revelando aspectos ainda mais profundos de sua psique, como no caso da fusão do michê com seu antigo amante do passado. Dessa maneira, João Gilberto Noll supera o realismo literário na representação da cidade, dando conta também de aspectos mais subjetivos que pertencem experiência urbana.

Conclusão

Neste trabalho procurei ler a obra de João Gilberto Noll inserida historicamente na tradição literária brasileira. Propus lê-lo como um representante significativo da geração de escritores que surgiram na transição entre a ditadura militar no Brasil e a redemocratização política, relacionando os aspectos mais recorrentes de sua obra ao seu contexto na nossa historiografia literária. Por se tratar de um escritor com mais de três décadas de produção, busquei revelar o desenrolar dos anseios e obsessões de sua geração ao longo do tempo, selecionando romances significativos de diferentes fases de sua carreira, e demonstrar como esses aspectos, apesar de recorrentes, se transformam, como a representação do corpo, que surge como temática, até se transformar em um princípio formal na construção narrativa de *Solidão continental*.

Referências bibliográficas

LANDOWSKI, Eric (2012). *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva.

NOLL, João Gilberto (2001). “Alguma coisa urgentemente”. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 416-422.

NOLL, João Gilberto (2012). *Solidão continental*. Rio de Janeiro: Record.

_____. (1995). *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

ZUMTHOR, Paul (2005). *Escritura e nomadismo*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. Cotia, SP: Ateliê Editorial.